

O APRENDER FAZENDO: RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DOCENTES POR MEIO DO ESTÁGIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

*THE LEARNING BY DOING: RESIGNIFYING TEACHING PRACTICES
THROUGH INTERNSHIP IN PORTUGUESE LANGUAGE*

Giovanna Tainara da Silva
<https://orcid.org/0009-0004-1900-472X>
Universidade Federal Rural de Pernambuco
giovanna.tainara@ufrpe.br

Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães
<https://orcid.org/0000-0003-3743-2256>
Universidade Federal Rural de Pernambuco
lilian.noemia@ufrpe.br

Resumo: Este relato apresenta reflexões sobre a importância do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) para a formação docente. As práticas de observação e regência foram realizadas em duas turmas de 6º ano de uma escola pública em Serra Talhada, estado de Pernambuco. A descrição destas atividades detalha os métodos empregados pela professora supervisora em suas aulas, e, a partir deste estudo, a elaboração de materiais didáticos e planos de aula a serem executados no período de regência. A base teórica deste trabalho fundamenta-se na metodologia do *Learning by doing*, de John Dewey (1959), em que o processo de aprender fazendo é superestimado na realização das atividades propostas, como leitura e análise linguística da fábula *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (1987), além de produções textuais baseadas na obra citada. No decorrer do relato, apresentamos todos os prós e contras dessa prática, e, sobretudo, os aprendizados extraídos dessa experiência.

Palavras-chave: estágio; língua portuguesa; prática docente.

Abstract: This report presents reflections on the importance of the Mandatory Supervised Internship (ESO) for teacher training. Observation and conducting practices were carried out in two 6th grade classes at a public school in Serra Talhada, state of Pernambuco. The description of these activities details the methods used by the supervising teacher in her classes, and, based on this study, the elaboration of didactic materials and lesson plans to be carried out during the period of regency. The theoretical basis of this work is based on the methodology of Learning by doing by John Dewey (1959), in which the process of learning by doing is overestimated in carrying out the proposed activities, such as reading and linguistic analysis of the fable *The Little Prince* by Antoine de Saint-Exupéry (1987), in addition to textual productions based on the aforementioned work. During the report, we present all the pros and cons of this practice, and above all, the lessons learned from this experience.

Keywords: internship; portuguese language; teaching practice.

Introdução

O conseqüente relato refere-se às experiências vivenciadas no estágio supervisionado obrigatório de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, realizado no período de 2022.1 da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. O período estende-se do dia 07 de novembro de 2022 até 29 de abril de 2023, com a realização em duas turmas de 6º ano de uma escola municipal.

A experiência do estágio tornou-se possível quando a professora supervisora da escola nos autorizou para que o processo de observação e regência fosse realizado sendo que a relação entre a professora formada e a professora em formação estabeleceu-se com constância e troca de saberes múltiplos. Tal relação, igualmente, aconteceu entre a estagiária e os alunos das turmas observadas, embora o contato tenha sido maior com um dos 6º anos, uma vez que a regência de seis horas ocorreu em apenas uma das turmas. Isso ficará em evidência no decorrer do relato de experiência, que se subdivide em cinco tópicos. No primeiro, está descrita a base teórica utilizada para a realização do estágio na escola. No segundo, apresentamos algumas informações sobre a escola onde o estágio aconteceu. No terceiro, é descrita a observação das turmas. No quarto tópico, discorreremos acerca dos materiais didáticos e planos de aula desenvolvidos para a realização da regência na turma do 6º ano. No quinto e último tópico, apresentamos algumas considerações sobre os aprendizados e os prós e contras que o estágio supervisionado obrigatório proporcionou.

A partir deste relato, esperamos que a experiência do estágio obrigatório possa surtir algum efeito positivo de identificação em seus leitores, provocar interesse e guiar futuros discentes em seus trabalhos em sala de aula. O objetivo principal deste relato é sobretudo compartilhar experiências.

1. Prática de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental

Em função da realização do estágio supervisionado de Língua Portuguesa, surge a necessidade da fundamentação teórica para nortear as práticas em sala de aula. Dentre elas, destacamos a Base Nacional Comum Curricular (2018) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), ambos documentos implementadores dos currículos escolares. A Base Nacional Comum Curricular, comumente conhecida como BNCC, deixa em evidência que o Brasil é um país diversificado culturalmente, mas é profundamente desigual socialmente. Assim, através dos seus fundamentos pedagógicos voltados para o pleno desenvolvimento das competências, a BNCC tem como intuito fazer com que os sistemas e redes de ensino construam currículos que vão auxiliar as escolas a elaborarem propostas pedagógicas as quais deverão abranger as necessidades e os interesses dos estudantes, bem como as suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. Tais propostas devem valorizar os conhecimentos construídos sobre cultura e sociedade para compreender e explicar a realidade, aprendendo e colaborando para a construção de uma sociedade igualitária e inclusiva.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, mais conhecidos como PCNs, por sua vez, tendem a concordar com a BNCC nesse quesito, tendo como objetivo apoiar as discussões e o desenvolvimento do projeto educativo da escola, ponderando acerca da prática pedagógica, o planejamento das aulas, examinando a escolha dos materiais didáticos que podem colaborar para a formação e inovação tanto do educador quanto do educando.

Um dos principais objetivos dos PCNs voltado para Língua Portuguesa consiste nos alunos serem capazes de questionar a realidade, formulando problemas que tenham a capacidade de resolver. Além disso, deixam claro que o professor é peça fundamental no processo de aprendizagem da língua, uma vez que sua função é mostrar ao aluno a importância da palavra do outro, e, como papel do educador, este deve tornar a sala de aula um ambiente acolhedor, onde cada aluno tenha direito à palavra e seja reconhecido como legítimo (Brasil, 1998, p. 73).

Para além dos currículos, uma metodologia foi empregada durante o estágio supervisionado, a saber: o *Learning by doing*, de John Dewey (1959), em que o método do aprender fazendo tornou-se superestimado na realização das atividades propostas.

De acordo com Dewey, essa metodologia aborda um conceito no qual a aprendizagem deve ser relevante e prática, visto que, para ele, tudo era visto como experiência. Dewey acreditava que a educação deve contemplar o envolvimento integral dos alunos no processo de aprendizagem através das práticas metodológicas. Assim, espera-se uma melhor compreensão dos conteúdos ministrados, de maneira que os alunos aprendam verdadeiramente, indo contra a cultura de memorização. Para o filósofo e educador, esse modelo pedagógico potencializa os efeitos e resultados da educação, ampliando a curva de aprendizagem construída através de erros e acertos, sendo a escola o espaço para errar, aprender e evoluir.

2. Informações sobre a escola

A realização do estágio supervisionado obrigatório ocorreu em um colégio municipal situado nas proximidades do centro da cidade de Serra Talhada. Na época, a escola estava em reforma e, sendo assim, transferiu suas atividades para o prédio ao lado, pertencente a uma faculdade da cidade. A estrutura escolar conta, atualmente, com: dezessete salas de aula, uma diretoria, uma sala dos professores, uma biblioteca, dois banheiros para professores/funcionários, dois almoxarifados e um auditório. Além disso, devido às reformas, serão ampliados e/ou implementados: laboratórios, sala de informática, sala de dança, cozinha, despensa, sala de triagem, pátio de serviços, setor de lixo/gás, sanitários, vestiários, depósito de natação, quadra descoberta, piscina, pátio coberto e refeitório.

O colégio funciona em tempo integral, com horário de funcionamento das 7h30 da manhã às 17h30 da tarde. Os níveis de ensino estão direcionados para os Anos Finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, e voltado para a Educação Especial, buscando atender e abraçar todos os alunos de forma inclusiva. A escola é composta de seis turmas de 6º ano, quatro turmas de 7º ano, três turmas de 8º ano e três turmas de 9º ano, totalizando, com isso, mais de quinhentos alunos matriculados.

No que se refere à inclusão, a escola sofre com problemas em sua estrutura para equiparar alunos com necessidades específicas, uma vez que o prédio tem salas de aula no primeiro andar e nenhuma rampa de acesso. Embora tenha essa problemática, o grupo de professores, alunos e profissionais certificam-se de garantir a integração de todos, estabelecendo respeito mútuo e interação responsável pelo fortalecimento de laços. Sendo estes alguns princípios básicos presentes em seu Projeto Político Pedagógico, a escola conta com mediadores escolares para auxiliar crianças com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), Autismo, Síndrome de Down, entre outras condições. Apesar da falta de equiparação estrutural, uma das maiores problemáticas das escolas públicas, outros aspectos destacaram-se durante o período de estágio.

Os documentos curriculares implementados nesta instituição de ensino são a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e ainda, o Currículo do Estado de Pernambuco (2019). Desde que foi implementada, a BNCC transformou o ensino em sala de aula. Sendo assim, os professores da escola onde o estágio foi realizado transformam as habilidades propostas em planejamentos com um novo olhar sobre a educação, buscando um maior protagonismo do aluno, aliado à inserção da tecnologia e novas metodologias de ensino e avaliação. Já o currículo de Pernambuco, sendo um documento que tem como objetivo sistematizar o ensino no estado, vai além do caráter exclusivamente teórico da BNCC. Na escola em questão, buscaram-se trazer diretrizes propositivas que visam oferecer um ensino de qualidade, levando em consideração a realidade coletiva vivenciada no estado de Pernambuco e potencializando a formação dos estudantes.

A área de atuação do estágio contemplou a disciplina de Língua Portuguesa, com a supervisão da professora da escola. Devido às férias escolares no final do ano, mantivemos a preferência de realizar as atividades de observação e regência após o recesso, sendo este iniciado no ano seguinte e vigente de 2023. Com um total de dez horas/aula, a observação teve início em dezesseis de fevereiro e foi finalizada no dia um de março. No que tange à regência, totalizada em seis horas/aula, iniciaram-se as atividades em 02 de março, finalizando-as no dia 15 do mesmo mês. Além disso, o estágio exigia vinte horas voltadas para a realização de atividades docentes na escola, subdivididas em projetos e avaliações. Dentre essas atividades, destacamos rodas de leitura com crônicas, avaliação e aplicação de provas, além da elaboração de um projeto de rotação por estação baseado na leitura do livro *O mundo de Anne Frank*, de Janny van der Molen (2015).

Concluimos que a experiência de estágio dentro das dependências da escola foi além das nossas expectativas. A receptividade da gestão, professores e alunos tornou evidente que os pressupostos filosóficos e pedagógicos do Projeto Político Pedagógico daquela instituição vão além da teoria, uma vez que em seus objetivos de construção de laços de solidariedade, atitudes cooperativas e trabalhos coletivos, não deixou a desejar nas ações. A professora supervisora deu-nos espaço para observar as suas aulas e autonomia para realizar a regência na turma de 6º ano, em que a literatura foi o foco das práticas docentes.

3. Período de observação das aulas ministradas

As duas turmas de 6º ano B e C tinham uma média de trinta e oito alunos, cuja faixa etária das crianças era de onze a doze anos. O contraste comportamental era nítido. Enquanto a turma B parecia uma turma tranquila, a turma C tinha alunos mais temperamentais, o que de certa forma, influenciou-nos na escolha para a regência. Outros fatores que induziram a preferência foram o tempo de observação distinto em cada turma, a posterior afinidade e a receptividade dos alunos.

Naquela etapa de observação, atentemo-nos ao perfil dos alunos. Dessa forma, descobrimos quais eram participativos e quais não, o que refletia em seus déficits de aprendizagem. De preferência, sentávamo-nos perto do birô da professora a fim de ter uma visão panorâmica da turma.

Os conteúdos programados para os dois sextos anos eram similares, e, como eles ainda não tinham os livros didáticos, a professora trabalhava com textos impressos, especificamente fábulas. Nesse percurso, o ponto de maior destaque naquelas aulas era a forma em que a professora conseguia ter a atenção de todos enquanto falava. As aulas fugiam do modelo tradicional, em que o professor é unicamente o centro das atenções. Assim, percebemos que os alunos podiam ganhar voz nas aulas quando eles expunham seus pontos de vista e conhecimento de mundo e, nesse momento, podíamos notar a genialidade escondida em cada um deles.

As duas primeiras aulas de observação, com duração de cinquenta minutos cada, ocorreram na turma de 6º ano B, em dezesseis de fevereiro de 2023, das 15h10 às 16h45 horas. Nelas, a professora estava trabalhando uma fábula chamada “O burro trapaceiro”. A leitura dela era feita em voz alta pelos alunos, que gostavam de interpretar os personagens do texto. Após a leitura, era iniciada uma discussão sobre o ponto de vista dos alunos acerca da história. Eram crianças inteligentes e com visões de mundo interessantes.

Devido ao feriado de carnaval, a segunda aula de observação ocorreu uma semana depois, no dia vinte e três de fevereiro de 2023 com a turma do 6º ano B, das 15h10 às 16h45 horas. Então, a aula inicia-se com a retomada da aula anterior, em que a professora já havia feito a avaliação da atividade correspondente à fábula “O Burro Trapaceiro”. Nesta aula, a professora trabalhou mais duas fábulas, sendo elas “O leão e o ratinho” e “O asno e a carga de sal”, ambas do autor Esopo. Semelhante à aula anterior, os alunos vinham à frente da turma e liam a história para, em seguida, serem elogiados pela sua desenvoltura na leitura. Esse é um tipo de *Reforço Arbitrário Positivo*, e, de acordo com Carrara (2004), esses reforços (Muito bem!, Parabéns!, Excelente! etc.) aumentam a probabilidade de a ação de leitura voluntária do aluno acontecer novamente.

Em suas sequências didáticas e atividades propostas, a professora trabalhava de forma minuciosa. Já em suas análises linguísticas, centradas nos elementos da narrativa, a professora tinha um método interessante de aprendizagem. Dessa forma, através de um acrônimo da palavra PENTE, cada letra representava um elemento narrativo: personagem, enredo, narrador, tempo e espaço. Todavia, era possível notar que os alunos não tinham dificuldade em localizar os elementos corretamente.

Todas as fábulas trabalhadas tinham um exercício para casa. A docente declarou a sua preferência por passar tais atividades no quadro, pois, de acordo com ela, é de suma importância exercitar a escrita dos alunos, embora a maioria deles não aprove tanto esse método. Nesta aula, em específico, a professora supervisora trabalhou a produção textual em uma atividade para casa que pedia para os alunos escreverem uma pequena fábula baseada na seguinte moral da história: “Para todo problema, há uma solução, só temos que pensar de um ângulo diferente”.

Atentando aos elementos trabalhados no decorrer das aulas, percebemos que a professora conseguiu abordar todos os eixos de ensino exigidos pela BNCC, sendo estes a leitura/oralidade, escrita, análise linguística e produção textual.

A terceira aula de observação ocorreu no dia seguinte, vinte e quatro de fevereiro, na turma do 6º ano C, das 15h10 às 16h45 horas. Em decorrência do feriado de carnaval, essa turma estava um pouco atrasada em comparação ao 6º ano B. Assim, a turma recebeu a mesma fábula mencionada anteriormente: “O burro trapaceiro”. Todo o planejamento daquela aula assemelha-se ao que foi visto na turma do 6º ano B: mesma análise linguística, indagações e atividades. Nesta mesma aula, a professora pontuou o fato de que aquela fábula não tinha uma moral, então perguntou aos seus alunos qual a moral da história que eles dariam para aquela fábula. Houve um consenso para que a moral fosse: “Tem que saber perder”.

A próxima aula de observação ocorreu no dia vinte e sete de fevereiro com a turma do 6º ano C, das 15h10 às 16h45 horas. A atividade elaborada pela supervisora foi o *Ditado Estourado*, na qual a professora preencheu as bordas do quadro branco com balões e dentro deles havia uma palavra para a professora ditar e os alunos escreverem na folha impressa que foi entregue. Após os alunos estourarem os balões e escreverem trinta palavras, a professora pediu que eles selecionassem apenas dezesseis delas para que fosse realizado um bingo.

O ponto de maior destaque da aula foi, a nosso ver, a genialidade de se trabalhar gramática e vocabulário de forma tão leve através de um jogo lúdico e educativo. Com base nas palavras do ditado, a professora pediu que cada um dos alunos fosse até o quadro e escrevesse as palavras trabalhadas. Dessa maneira, notou-se muitos erros ortográficos, sendo estes corrigidos pela professora juntamente aos alunos. Palavras como *caroagem* (carruagem), *creser* (crescer), *rochinol* (rouxinol), ou ainda *trage* (traje), deixaram perceptíveis as dificuldades da turma com alguns dígrafos como (rr), (nh), (ch) e até (sc), além de confundirem (g) e (j), ou (x) e (ch).

A experiência foi a mesma na turma do 6º ano B, mas sem a dinâmica dos balões. A última aula de observação ocorreu no dia um de março, das 13h00 às 14h40 horas. Nela, foi realizado o ditado de trinta palavras com a turma, no qual posteriormente, os alunos iam até o quadro para escrever algumas das palavras ditadas, como *carroagem* (carruagem), *fucinho* (focinho), *troucha* (trouxa), *cangica* (canjica), *companhero* (companheiro), etc. É perceptível, todavia, que as duas turmas têm certa dificuldade com letras que possuem o mesmo som. A professora fez a correção juntamente aos alunos, pedindo que eles corrigissem as palavras em seus cadernos. Além disso, ela perguntou quantas palavras cada um acertou e quantas cada um errou.

Em minha experiência escolar, há alguns anos, a correção ortográfica alimentava o preconceito linguístico em razão de métodos de ensino tradicionalistas que apontavam certo e errado, sem levar em conta o contexto em que os alunos estavam inseridos. Tendo isso em vista, a metodologia empregada pela professora supervisora nos inspirou e a sua forma de discernir os diferentes modos de falar e escrever, e sobretudo, o estímulo ao respeito e à valorização da variedade linguística, uma vez que a língua(gem) desempenha um papel integral na formação e na caracterização da sociedade, influenciando e sendo influenciada por diversos aspectos da cultura e da interação humana. Em tal momento, foi importante a professora reconhecer a complexidade dessa relação e como a linguagem é um componente essencial na construção e na manutenção de identidades culturais e sociais. Assim, temos a certeza de que os seus alunos serão os melhores usuários da língua portuguesa, não somente pelo seu ótimo desempenho e letramento, mas por terem consciência da realidade que os cercam.

Portanto, consideramos que o momento de observação de suas aulas foi um estímulo e um norte que seguimos para realizar a regência.

4. Período de regência: aulas práticas do estágio

As seis horas destinadas à regência foram, notavelmente, o maior desafio enfrentado durante o estágio. Antes de chegar à sala de aula, os planos de aula foram analisados juntamente à professora orientadora da universidade, para garantir que o tema, os conteúdos, os objetivos, os procedimentos metodológicos e os recursos didáticos estivessem em concordância com o nível de ensino da turma a ser trabalhada.

A proposta lançada era trabalhar literatura infanto-juvenil com o 6º ano B, turma escolhida para a regência. A obra escolhida para a sequência didática foi “*O Pequeno Príncipe*”, de Antoine de Saint-Exupéry (1987). Por ser uma obra aparentemente conhecida, surpreendeu-nos o fato da maioria deles não conhecerem a história.

Devido à falta de tempo, o intuito não era trabalhar o livro em sua totalidade, então, o planejamento seguiu da seguinte forma: para as duas primeiras aulas, seriam levados recortes de trechos da obra e atividade; nas outras duas aulas, passaríamos um vídeo de animação baseado no livro para trabalharmos análise linguística. E, nas duas últimas aulas, seria realizada uma produção textual.

Contextualizando as duas primeiras aulas, com duração de cinquenta minutos cada, que ocorreu no dia 02 de março de 2023, das 15h10 às 16h45 horas, seriam entregues recortes do livro enumerados de 1 a 38, os quais seriam distribuídos para os alunos de forma aleatória. Assim, o aluno que estivesse com o fragmento 1 começaria a leitura e quem estivesse com o fragmento 2 continuava, até que todos tivessem finalizado a leitura do texto. Após isso, seria feita uma socialização com os alunos sobre a história, discutiríamos sobre os elementos da narrativa e, em seguida, passaríamos uma atividade no quadro para que eles fizessem em casa. Em teoria, tudo daria certo. Mas nem tudo saiu como o esperado.

A turma, até então com o melhor comportamento e receptividade, mostrou-se desinteressada e barulhenta. O contraste entre a leitura em voz baixa feita pelos alunos e o barulho de conversas paralelas era perceptível. No final da leitura, poucos sabiam discorrer sobre a narrativa. Dessa forma, tivemos que contextualizar sobre a obra novamente, mas continuava a não ter efeito nos alunos. Perdeu-se muito tempo somente na leitura dos trechos, quase não houve a socialização acerca da obra e tudo que restou do planejamento foi passar a atividade de cinco questões, previamente elaborada. A quebra de expectativa na primeira aula fez surgir diversos questionamentos sobre o método empregado naquela aula. Entretanto, mantivemos a esperança de que a próxima aula fosse ser melhor.

Para a segunda regência, com duas aulas de cinquenta minutos cada, ocorrida no dia 09 de março de 2023, das 15h10 às 16h45 horas, foi planejado o uso de multimídias. Os recursos utilizados para aquela aula foram o projetor disponibilizado pela professora supervisora, além de computador e uma caixinha de som para ampliação sonora. Entretanto, mais percalços surgiram e, naquele momento, a tecnologia não estava a nosso favor.

Primeiramente, foi feita a correção da atividade passada na aula anterior, em que notamos que poucos alunos haviam se lembrado de fazer. No intervalo gasto para a correção da atividade e a formação de um círculo com as cadeiras, já havia sido gasto um bom tempo. Aprendemos, dessa maneira, que o tempo planejado anteriormente e o tempo gasto na realidade são totalmente diferentes. Nisso, foi feita a primeira tentativa de passar o vídeo para eles. Vale ressaltar que este vídeo em específico foi editado por nós e retirado do filme “*O pequeno príncipe*”, de 2015, dirigido por Mark Osborne. As partes do filme editadas são os flashbacks do personagem principal, resultando um vídeo de aproximadamente quatorze minutos.

Como mencionado, algumas coisas deram errado, como o volume do vídeo que estava baixo. Por ser uma turma numerosa em uma sala enorme, o alcance sonoro se perdeu no tumulto do 6º ano B. Sendo assim, a professora foi em busca de uma caixa de som da escola. Mas, quando tentamos ligá-la, estava aparentemente quebrada. Desta vez, fomos atrás de outra caixa de som e, finalmente, funcionou, mas muito tempo havia sido perdido nessa confusão. Quando o vídeo terminou, percebemos que a professora da próxima aula já estava esperando na porta. E, mais uma vez, quase nada foi feito e o sentimento de impotência invadiu-nos.

A partir dali, começamos a repensar a carreira docente e se estar em sala de aula era de fato a nossa vocação. Ainda faltava uma aula e nosso maior receio era falhar nela também. Nesse cenário, tínhamos a consciência de que às vezes expectativa e realidade diferem-se e tomam caminhos diferentes. A docente aconselhou-nos que trabalhássemos algo como fábulas com os alunos, mas não queríamos fugir totalmente do plano de aula traçado que explorava o trabalho com produção textual.

Após refletir bastante, renovamos as energias e repensamos a última aula. O intuito era fazer uma produção textual baseada na sequência didática do pequeno príncipe, mas sabíamos que aquela atividade não teria bons resultados se os alunos não tivessem entendimento da narrativa.

Tentando seguir os conselhos da professora supervisora e continuar com o nosso objetivo inicial, elaboramos uma versão curta da história “O pequeno príncipe” em formato de fábula e com a linguagem era simples e entendível, sem muitas metáforas. A finalidade era que, desta vez, todos os alunos pudessem ter o entendimento do enredo.

A última regência aconteceu no dia quinze de março de 2023, das 13h00 às 14h40 horas, com duas aulas de cinquenta minutos cada. Muitos dos elementos observados nas aulas da professora supervisora, mesclaram-se e resultaram na última aula. Depois de realizar a leitura duas vezes com os alunos interpretando os personagens, partimos para a socialização e discussão do texto. Nesse ínterim, a professora docente e os alunos pareciam satisfeitos com o curso que as coisas tomavam. Retomando momentos das duas últimas aulas, analisamos a fábula à procura dos elementos da narrativa, parte esta que alimentou grande parte da discussão. Por fim, sentimo-nos inspiradas, finalmente, por ver, em nossa aula, aquilo que tanto observamos e admiramos nas aulas da professora.

Após a discussão dos elementos da narrativa, explicamos-lhes sobre a atividade principal programada para a aula, a produção textual. Foi esclarecido que eles fariam suas próprias produções com base no que eles achavam que teria acontecido depois que o pequeno príncipe voltou para o seu planeta. Eles poderiam escrever seus textos e fazer desenhos também, havia alguns que não estavam tão confiantes com a sua escrita por diversas razões, então, foi dada a opção de que eles poderiam fazer histórias em quadrinhos. Logo, a maioria deles pareceu abraçar a ideia e usaram de toda a sua criatividade para fazer desenhos (textos não verbais) e textos verbais, além de desfechos surpreendentes e nada clichês.

Em conclusão, notamos que, assim como no 6º ano C, a turma B tinha algumas dificuldades na escrita. Nosso intuito, como futuras professoras, não era alimentar inseguranças ou preconceitos linguísticos, e, por mais que houvesse a necessidade de fazer algumas “correções” nos seus textos, isto não diminuiu a admiração sentida por tamanha criatividade da turma. O contato e a relação criados no decorrer das aulas fizeram todas as inseguranças irem embora. Percebemos, na realidade, que tudo estava a nosso favor desde o início.

4.1 Outras práticas docentes na escola

Além dessas seis horas em sala de aula, dedicadas à regência, realizamos vinte horas de práticas docentes na escola, que se subdividiram em projetos e avaliações. Por intermédio da professora, foi criado um projeto de rotação por estação a partir da leitura do livro *O mundo de Anne Frank*, obra de Janny van der Molen (2015).

Foi realizada a leitura da obra com o intuito de ter mais propriedade para a elaboração das atividades do projeto de rotação por estação que consistiu em dividir a turma em quatro grupos distintos, e, em cada um desses grupos, realizar uma das quatro atividades elaboradas. Assim, passado determinado tempo, eles iriam trocar de estação e passar para a próxima, onde realizaram a próxima atividade.

Na primeira mesa de atividades, os alunos teriam que criar uma linha do tempo com os principais acontecimentos do livro, e, para isso, eles usaram cartolinas, pincéis e exemplares dos livros que leram para realizar a atividade; na segunda mesa, eles teriam alguns jogos: o jogo dos sete erros, o jogo da memória e o jogo da força. Todos esses jogos teriam todas as informações relacionadas com o livro lido por eles; na terceira mesa, a proposta de atividade era voltada para o uso das tecnologias, na qual os alunos iriam fazer uma pesquisa cinematográfica, pesquisando na internet obras que retratassem o mesmo tema lido por eles. Logo, poderiam ser livros, filmes, séries, histórias em quadrinhos ou documentários, em que as palavras-chave para suas pesquisas era “Holocausto”, “Segunda guerra mundial”, “Adolf Hitler”, etc. Ao escreverem uma pequena sinopse das obras pesquisadas, eles teriam uma amplitude de produções que poderiam se debruçar caso gostassem daquela temática.

A quarta e última mesa de atividades seria um jogo de tabuleiro. A proposta seria um tabuleiro em cima da mesa, mas a professora supervisora propôs que fosse um tabuleiro de tamanho ampliado, dessa forma os alunos seriam os peões do jogo, ou seja, seriam “os judeus fugindo dos nazistas”. O jogo consiste em um jogo de tabuleiro com algumas diferenças: o tabuleiro teria vinte e cinco casas e, quando os alunos jogassem o dado, eles andariam as casas a depender do número tirado no dado. Na maioria das casas, os alunos deveriam responder perguntas relacionadas ao livro (ex: qual o nome da irmã de Anne Frank?) e, se eles respondessem corretamente, avançavam uma casa; se não, retrocediam uma casa. Também haveria casas com um X vermelho, que indicava que eles haviam sido pegos pelos alemães, sendo assim, voltariam o jogo do início e recomeçariam. O intuito do jogo era conscientizar os alunos acerca deste acontecimento histórico desumano, buscando despertar o sentimento de empatia pelas vidas perdidas, e, principalmente, os mobilizando em prol da cultura de paz.

Outra atividade realizada na escola foi a roda de leitura com o 9º ano, por intermédio do livro *Coletânea Crônicas*, da Olimpíada de Língua Portuguesa, realizada no dia dois de março de 2023 das 9h30 às 11h00 horas. Foi orientado que os alunos fizessem uma leitura silenciosa de uma das crônicas para uma socialização. Logo após essa leitura, começamos a indagá-los sobre o gênero ‘crônica’, se eles saberiam as suas características principais e a diferença entre crônica e fábula. Foi destacado para eles que as crônicas normalmente têm enredos sobre fatos cotidianos, cujo autor é o narrador e têm o foco narrativo em si, além de serem narrativas simples, sem muitos acontecimentos e sem muitos personagens.

A primeira crônica do livro era “A última crônica”, de Fernando Sabino. Foi perguntado quais alunos haviam lido aquela história, mas ninguém se manifestou. Então, começamos a contar o enredo da história, perguntando o que os alunos achavam da história e se aquela situação poderia acontecer no dia a dia. As próximas crônicas a serem socializadas foram “Um caso de burro”, de Machado de Assis, “Cobrança”, de Moacyr Scliar, “Peladas”, de Armando Nogueira e “O amor acaba”, de Paulo Mendes Campos. O intuito do ciclo de leitura era que os alunos lessem as crônicas e, dependendo de qual leram, esses mesmos alunos contassem sobre o que a história falava para aqueles que não a leram, com o intuito de trabalhar não somente a oralidade, mas também seus pensamentos críticos e opiniões acerca da narrativa. A crônica mais discutida foi “O amor acaba”, de Paulo Mendes Campos, em que os alunos falaram suas opiniões sobre o amor acabar ou não, a diferença de amor e paixão, amor e traição e suas próprias experiências com o amor, seja amoroso, seja familiar ou de amizade. Esta roda de leitura foi essencial para gerar diálogos e fazer a turma se sentir confortável para se expressar.

Além destas atividades, houve ainda aplicação e correção de avaliação no 6º ano B, além da avaliação de provas bimestrais dos 9º anos A, B e C, durante os dias 12 e 13 de abril de 2023. Depois das devidas correções, também ficamos responsáveis por atribuir as notas. Para isso, a professora explicou-nos como era feita a avaliação das questões. Assim, se a prova tinha dez questões, cada uma delas vale um ponto. As questões subjetivas e, segundo a professora, todos os acertos do aluno valeriam nem que fossem apenas décimos de um numeral. Logo, todo o conhecimento do aluno deveria ser levado em consideração. Este foi mais um ponto, a nosso ver, admirável em sua prática de ensino.

Considerações finais

Quando nos deparamos com o desconhecido, os primeiros sentimentos a nos dominar podem ser o medo ou a curiosidade. Fomos cercadas por ambos. A experiência do estágio supervisionado nos deixava aflitas com a possibilidade de lidar com a sala de aula e perceber que podíamos falhar empenhando aquele papel. Em muitos momentos, tivemos pensamentos desanimadores, principalmente, quando percalços surgiram durante a regência. Na verdade, sequer enxergava-nos naquele ambiente, deixando de ser aluna para ser professora. Ser responsável pela educação de alguém nos deixava assustadas, pois não queríamos ter esta responsabilidade sobre os nossos ombros.

Mas percebemos que ensinar não deveria ser um fardo. O estágio mudou a visão que tínhamos sobre diversas coisas, principalmente, a visão que tínhamos sobre nós mesmas. A oportunidade de lecionar injetou ânimo e inspiração nas nossas veias, superamos o medo inicial e tiramos lições dos erros cometidos ao longo do caminho, aprendemos a errar e aceitar esses erros como aprendizados. Criamos laços com os alunos, professores e funcionários. Assim, cativamos e nos deixamos ser cativadas.

Esta preparação para a sala de aula e para as dificuldades acerca da educação se tornou imprescindível. O processo de ensinar significa transbordar para além da escola, onde a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação da sociedade, um elemento fundamental para a formação de cidadãos conscientes e aptos a ultrapassar suas próprias limitações, sendo, portanto, reflexos da realização de uma prática de ensino eficaz.

Diante das dificuldades, dos erros e acertos, percebemos que as coisas podem não sair da forma que queremos. Gostamos de pensar que a nossa experiência com este estágio foi como subir uma montanha: nos momentos difíceis, onde as aulas práticas

fugiram do planejamento inicial, nos vimos sem saída, cansadas da caminhada e tentadas a desistir. No meio do trajeto, desviamos-nos dos objetivos e começamos a pensar em outras metodologias para a regência. Aprendemos que podemos criar nossos próprios caminhos, abrir espaço entre o desconhecido para continuar subindo até o topo. Logo, não sair como o planejado, às vezes, não é tão ruim porque as dificuldades nos fazem expandir o olhar para as novas possibilidades. Isso nos faz lembrar que a ordem dos fatores não altera o produto.

Em conclusão, a experiência do estágio supervisionado nos preparou para o que ainda está por vir. No fim das contas, conseguimos concluir os objetivos traçados: chegamos ao topo da montanha. Todo o esforço valeu a pena!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRARA, K. Behaviorismo: Análise do Comportamento e Educação. In: CARRARA, K. (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação – Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.

MOLEN, Janny Van Der. **O mundo de Anne Frank: lá fora, a guerra**. Tradução Alexandra de Vries. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

PERNAMBUCO, Governo do Estado de. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco Ensino Fundamental**, 2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 31. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1987.